

Recebido em 01/10/2022 e aprovado em 18/03/2023

ENSINO DE LITERATURA JAPONESA NO BRASIL: REPENSANDO A EMENTA DE UM CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS

Joy Nascimento Afonso¹

Resumo: O curso de Letras - Japonês na Unesp, campus de Assis, completou em 2022 trinta anos de fundação, tendo como programa básico formar professores licenciados para ensinar língua e literatura japonesa. Refletindo não apenas sobre o desenvolvimento da habilidade linguística dos discentes pretendemos, neste trabalho, discutir brevemente o ensino de literatura japonesa em contexto brasileiro, pensando na formação de um professor reflexivo que não apenas ensina gramática, mas entende a realidade, a sociedade e a cultura na quais esta língua está inserida. Dessa forma, baseando-se em nossa experiência de 10 anos lecionando literatura neste curso, buscamos apresentar breves reflexões concomitantemente à nossa proposta de ementa, refletindo sobre como o programa foi se modificando nos últimos anos. Embora os estudos japoneses no Brasil estejam em transformação continuamente notamos que há ainda poucos trabalhos sobre a formação do professor de literatura japonesa, por isso, aqui nos baseamos nos estudos de Ninomiya (2001) e Brasil de Sá (2021), que debatem sobre as dificuldades de lecionar literatura japonesa no Brasil em âmbito universitário, e sugerem novas perspectivas para a formação docente.

Palavras-chave: Literatura japonesa. Formação docente. Ensino de literatura estrangeira.

JAPANESE LITERATURE'S STUDIES IN BRAZIL: RETHINKING THE SYLLABUS OF AN UNDERGRADUATE COURSE IN LITERATURE

Abstract: The course of Japanese Language and Literature at UNESP, Assis campus, completed thirty years of foundation in 2022, having as a basic program to train teachers with a degree to teach Japanese language and literature. Reflecting not only on the development of language skills of students, we intend in this paper to briefly discuss the teaching of Japanese literature in Brazilian context, thinking about the formation of a reflective teacher who not only teaches grammar, but understands the reality, society, and culture in which this language is inserted. Thus, based on our 10 years' experience teaching literature in this course, we seek to present brief reflections concomitant to our proposed syllabus, reflecting on how the program has changed in recent years. Although Japanese studies in Brazil are continuously changing, we notice that there are still few works about the training of Japanese literature teachers, so here we base ourselves on the studies by Ninomiya (2001) and Brasil de Sá (2021), who discuss the difficulties of teaching

Japanese literature in Brazil at the university level and suggest new perspectives for teacher training.

Keywords: Japanese Literature. Teacher development. Teaching foreign literature.

Introdução

No ano em que se completam trinta anos de fundação do curso de Letras com habilitação em língua japonesa, onde em média formam-se anualmente de dez a quinze docentes habilitados para lecionarem língua e literatura japonesa para os níveis fundamental e médio, chama-nos a atenção que embora o ensino de literatura estrangeira seja obrigatório no currículo do curso, esta formação só se dê a partir do terceiro ano da graduação, e muitas vezes sem que os alunos tenham tido uma introdução histórica sobre as produções literárias que serão analisadas.

O curso de Letras na Unesp no campus de Assis foi fundado em 1956 e tinha como objetivo formar licenciados em língua portuguesa e em uma língua estrangeira, assim como em suas respectivas literaturas, em quatro anos. No contexto atual fazemos parte do departamento que é responsável pela ementa de disciplinas atreladas ao curso. A habilitação em japonês tem como ementa básica o conjunto de disciplinas de I a III (de 1º a 4º semestre do curso), em que os discentes são introduzidos aos conceitos básicos de escrita e gramática de língua japonesa, correspondendo aos níveis A1 e A2 do quadro comum europeu, e conjunto de disciplinas IV a VII, equivalentes aos níveis A2 à B1, ou pré-intermediário, que possibilitaria aos alunos a leitura e compreensão textual em língua estrangeira. Dessa maneira, é somente a partir do 5º semestre da graduação que o aluno estaria capacitado a iniciar a sua formação em literatura japonesa.

Na época da criação do curso se previa na ementa o ensino de língua clássica japonesa, a fim de, os discentes pudessem discernir a origem da escrita cursiva (*hiragana*), da escrita chinesa dos ideogramas (*kanji*), entretanto, esta disciplina foi suprimida em 2010, após longas discussões com os docentes anteriores a nós, decidiu-se no aumento de aulas semanais de língua moderna, a fim de fortalecer a habilidade linguística dos alunos. É

importante ressaltar que embora o ensino de cultura esteja entrelaçado ao ensino de língua e literatura, não há uma disciplina específica na ementa do curso para o ensino de cultura japonesa. Sendo assim o ensino de literatura baseou-se, nos primeiros anos do curso, principalmente, em conseguir ler em língua japonesa os textos clássicos e assimilar as estruturas gramaticais ali existentes.

Nos primeiros anos do curso o grupo de disciplinas relativas ao ensino de literatura se baseava em aulas expositivas, duas vezes por semana, e tendo como finalidade a leitura dessas obras na língua alvo, a interpretação do texto e a estilística do autor por vezes ficava em segundo plano, tendo em vista que a maioria dos alunos levava tempo na leitura dos ideogramas em língua clássica japonesa e no entendimento da estrutura gramatical, não mais utilizados na atualidade. As disciplinas de literatura são semestrais e divididas em Literatura Japonesa de I a IV, partindo do período clássico ao período moderno, onde dividimos as obras e autores em: Período Clássico que refere-se aos Períodos Nara (710-794) e Heian (794-1185), Período Medieval correspondendo aos períodos Kamakura (1185-1333), Muromachi (1333-1573), Azuchi – Momoyama (1573-1603) e período Edo (1603-1868), e período Moderno correspondendo ao período Meiji (1868-1912) e Taishô (1912-1926). Foi sob esse contexto que ingressamos como docentes no departamento de Letras Modernas no ano de 2013, onde embora houvessem mais aulas de ensino de língua japonesa a partir do primeiro ano do curso de graduação, a ementa das disciplinas de literatura ainda não correspondiam à uma formação mais atual que o curso requereria.

Ao pensar na formação de um docente habilitado para lecionar uma língua estrangeira, entendemos que existe também a necessidade de se refletir também a sua formação como indivíduo crítico, que não apenas “transmite” regras gramaticais aos seus alunos, mas sob uma perspectiva decolonial consegue ponderar sobre os aspectos visto como “culturais”, relacionados ao ensino do idioma estrangeiro. Embora, a reflexão proposta possa ser óbvia para muitos e tenha nos levado a escrever este texto, onde a linguística “de um modo geral, é vista em contraste com outro campo do

saber: os estudos literários. Esses campos figuram como áreas que são consideradas distintas, senão opostas. Essa concepção, no entanto, é passível de ser questionada ao se pensar que a base comum que as integra é a linguagem" (MATOS, 2010, p. 101). Baseando-nos nesta concepção ao assumirmos nosso cargo como professora efetiva na área de japonês passamos a analisar a possibilidade de repensar uma ementa de literatura mais atualizada e coerente aos objetivos do curso relacionado à linguística aplicada atual.

É importante registrar, que nosso propósito ao repensarmos as ementas das disciplinas de literatura japonesa não é criticar o que já foi feito e implementado, mas sim pensar em novas possibilidades de ensino de literatura em contexto brasileiro, sob uma perspectiva humanista e decolonial. Novamente tomando as palavras de Mota (2010),

Ao situar o ensino de língua no campo das discussões em que se inserem questões sobre a educação humanizadora, a transdisciplinaridade, a relação entre linguagem e cultura, prepara-se o solo para refletir sobre o uso de textos literários no ensino de língua estrangeira. Tal uso justifica-se pela possibilidade de contemplar temas relacionados a comportamentos, valores e costumes de diversas nações, diferentes formas de expressão linguística, provenientes de vários países e grupos sociais, questões identitárias em âmbito individual ou coletivo, que são representados em textos literários, caracterizando o espaço de aprender uma segunda língua como uma possibilidade de ter acesso ao universo cultural que a circunda. Na esteira desse princípio, delineiam-se, neste artigo, propostas para o uso de textos literários no ensino de língua estrangeira – doravante referida como LE –, articulando a literatura e saberes relacionados à área de pesquisa que dela se ocupa a estratégias e objetos dos quais se valem os professores para ensinar LE. (MOTA, 2010, p. 103)

De acordo com o pensamento de Mota o acesso à literatura estrangeira oportuniza ao discente aprendiz a possibilidade de, ao compreender o texto escrito entender a gramática estrangeira, assim como as similitudes culturais dessa produção – estilística, realidades diferentes da sua, temas que não fazem parte do seu dia a dia sendo discutidos. Para um futuro professor, essa perspectiva mais ampla o levaria a compreensões mais profundas de sua própria cultura, refletindo sobre possíveis diferenças ou semelhanças entre a

cultura do outro e a sua, e porque não desmitificaria preconceitos e estereótipos.

Esta reflexão também levou-nos a indagar sobre conexão ou não conexão dos cursos de Letras com a formação do docente, pois que as bases do curso pressupunha a leitura e compreensão de textos em língua estrangeira, intuindo que o ensino de língua estrangeira se restringiria a compreensão textual. Segundo Pessoa (2002), que se debruça sobre o currículo formativo dos cursos de Letras no Brasil, e evoca novos caminhos para a prática docente,

Esses cursos tinham uma orientação nitidamente literária, sendo os estudos linguísticos voltados para a preparação das(os) alunas(os) para a leitura de textos literários no original (FiORIN, 2006). Já a formação docente ficava a cargo de institutos de Educação e tinha a duração de um ano (PENIN, 2001). Em 1970, esses institutos se tornaram Faculdades de Educação e foram criados os institutos de Aplicação, mas, segundo Penin (2001, p. 323), isso “não resolveu o problema da formação dos professores na USP, pela simples razão de que isso dependeria de um trabalho conjunto entre as diversas unidades que contribuem para essa formação”. (PESSOA, 2022, p.276)

Para a autora, a divergência entre teoria – leitura de textos teóricos, e prática – formação docente viabilizado por docentes da área da educação, dá-nos a falsa impressão de que o ensino de uma língua estrangeira no curso de Letras estaria afastado da prática docente de sala de aula, dessa forma, o docente com licenciatura para ministrar uma LE teria mais dificuldade de transitar entre essas duas áreas. Como docente de uma LE em uma universidade, o texto de Pessoa (2022) dialoga profundamente com o que pretendi fazer ao repensar a ementa das disciplinas de literatura japonesa: conectar ensino de língua e literatura para a uma práxis mais atual e próxima a realidade dos discentes e, conseqüentemente, de sua sala de aula.

No Brasil, até o presente momento encontramos apenas dois textos acadêmicos sobre o ensino de literatura japonesa na graduação, o primeiro é texto sobre o painel apresentado no XII Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa em 2001, pela professora Sonia Ninomiya, intitulado “A literatura japonesa – Seu ensino ao

nível de graduação, dificuldades, possibilidades e novos horizontes para o ensino e pesquisa de graduação”. Nesse curto trabalho a autora relata três dificuldades no ensino de literatura à sua época, o primeiro, o professor não sendo um “especialista em literatura, cuja tarefa, contudo, é apresentar aos alunos uma nova visão de mundo, dar-lhe a conhecer a cultura viva do Japão, sua literatura” (NINOMIYA, 2001, p. 77), sem base teórica e aporte didático poderia, para além de informações incompletas, disseminar estereótipos sem o aprofundamento necessário na análise literária. A docente propõe o estabelecimento de uma “bibliografia teórica básica sobre literatura, filosofia, história e sociologia japonesa que possa alicerçar o trabalho de professores não especialistas que assumem essa empreitada” (NINOMIYA, 2001, p. 77).

O segundo problema, segundo Ninomiya (2001) pauta-se no conhecimento parcial dos alunos da língua japonesa, o que tornaria a leitura das obras em idioma nativo desinteressantes e cansativo, entretanto, sem uma base linguística eficiente seria “impossível penetrar no universo literário” (NINOMIYA, 2001, p. 77) japonês. Para sanar esse problema a autora não chega a propor uma solução concreta, tendo em vista que os cursos de graduação já têm uma composição fechada, mas indica que para termos mais especialistas, precisamos pensar em formas de levar nossos alunos à pesquisa de literatura japonesa, tornando-os pesquisadores do assunto.

O terceiro problema levantado por Ninomiya relaciona-se ao campo acadêmico onde, por falta de grupos de pesquisa e ambientes de difusão destas pesquisas em estudos literários, acabamos por não conseguirmos desenvolver temas relevantes à literatura japonesa e contribuir com a academia brasileira. Ela acrescenta, ainda, a falta de pesquisas sobre tradução e literatura nikkei produzidas no Brasil, um promissor campo de estudos, que no início dos anos 2000 estava em plena expansão. Tomando como base esse relato da docente passamos a refletir sobre nosso próprio currículo e maneiras de sanar esses três problemas discutidos por Ninomiya.

O segundo texto que se propõe a discutir o ensino de literatura japonesa no Brasil é de Michele Brasil de Sá (2021), no qual a autora relata sua

experiência de quase dois anos lecionando literatura japonesa em uma universidade federal, e pensando em sua prática docente se propõe, assim como Ninomiya (2001), várias reflexões sobre o tema, partindo de uma análise da quantidade de horas estudadas pelos alunos, e dos desafios que surgiram nos últimos anos devido à pandemia de Covid-19. Para Brasil de Sá, o primeiro desafio é a proficiência na língua japonesa, tendo em vista que, em sua maioria, os discentes vão ter contato com a língua apenas durante as aulas de graduação, e quando têm contato com a literatura japonesa, apenas no quinto período do curso, ficam desmotivados e assustados, pois sentem a necessidade de traduzir tudo, e não necessariamente chegam a compreender o texto literário.

O segundo desafio é “a proficiência literária” (BRASIL DE SÁ, 2021, p. 205), pois embora no curso de Letras os alunos tenham acesso aos estudos de teoria literária em língua portuguesa, essas teorias críticas não abarcam a estrutura literária da literatura japonesa.

O terceiro desafio no ensino de literatura japonesa observado por Brasil de Sá, que ela define como “desafio de lucrar com as novas tecnologias” (BRASIL DE SÁ, 2021, p. 206), relaciona-se à pandemia de Covid-19, onde embora houvesse muitos programas para o ensino de japonês como LE, por outro lado os colegas ainda estavam apegados aos modelos antigos de lecionar literatura, não encontrando softwares que viabilizassem o ensino de literatura estrangeira remotamente, o que prejudicou o aprendizado dos alunos. O quarto e quinto desafio também têm conexão com o ensino remoto, pois levou-a a refletir sobre “a Atualização do Conteúdo e Formato” e “Interação”, onde houve a necessidade de selecionar textos mais contemporâneos para as turmas, enquanto textos clássicos passaram a ser analisados de outra forma, por meio da tradução. Além disso, para viabilizar a interação dos textos e aprendizados culturais, a colega recorreu a textos teóricos escritos em língua portuguesa, por pesquisadores brasileiros.

Nota-se que tanto o texto de Ninomiya (2001) quanto o de Brasil de Sá (2021) possuem similaridades, pois ambas lecionaram literatura, embora em época diferentes, em cursos que ainda tinham como enfoque o que Pessoa

(2022) aborda em seu texto: um docente que ainda tem dificuldades de unir a teoria à prática da sala de aula.

1. A ementa de literatura japonesa na Unesp – Assis, até 2014

As aulas seguiam o método expositivo, onde os alunos liam antecipadamente o texto literário e o docente apresentavam a obra em sala de aula, destacando as estruturas gramaticais e a construção textual. Em literatura japonesa I, que abrangia o que definimos como período clássico, líamos e analisávamos alguns poemas da coletânea “Miríades em folhas” (*Manyôshû*), obra de 759 d.C. onde a escrita é uma mescla de ideogramas chineses à fonética japonesa, e são compilados em 20 volumes, como o retrato de uma corte que se formava e a figura do imperador, assim como das divindades da natureza são celebradas. Líamos também alguns trechos do famoso romance “Narrativas de Genji” (*Genji Monogatari*), de Murasaki Shikibu (973-1014), dama da corte de Heian, em que se narra a vida do jovem príncipe Hikaru Genji, sua ascensão, queda e retorno à corte devido aos seus vários relacionamentos amorosos.

Do período medieval, que abarca os períodos Kamakura (1185 -1333), Muromachi (1333-1573), Azuchi-Momoyama (1573-1603) e período Edo (1603-1868), momento de ascensão da classe militar ao poder, limitávamo-nos a ler o famoso ensaio “Anotações de uma cabana de nove metros” (*Hojôki*), do início do século XII, em que o poeta e monge Kamo no Chômei discute a efemeridade da vida, relacionando-a às tragédias ocorridas na corte – tragédias naturais e sociais com as mudanças políticas, em que os militares assumem o poder político da nação. A obra foi escrita durante o autoexílio do autor em uma cabana de nove metros nas montanhas de Kyoto.

Da época moderna, Meiji (1868-1912) e Taishô (1912-1926), embora houvesse uma produção literária já consistente devido ao objetivo geral do curso, só conseguíamos nos debruçar em um conto de Sôseki Natsume (1867-1916) - “Dez noites de sonho” (*Yumejûya*, 1908); no conto “Rashômon” (*Rashômon*, 1915), de Ryûnosuke Akutagawa (1892-1927), e em alguns contos

da coletânea “Contos da Palma da Mão” (*Tanagokoro no shôsetsu*), do autor ganhador do prêmio Nobel, Yasunari Kawabata (1888-1972). Embora essas sejam obras modernas, devido às mudanças nas regras gramaticais constituídas na virada do século XX pelo estado japonês, como o *Genbunichi*, em que a língua falada deveria ser a mesma reproduzida na escrita, há nos textos supracitados uma dificuldade estilística natural à época, visto serem produções literárias que se propunham a discutir o colonialismo ideológico ocidental em sua estrutura e temática.

Se ainda houvesse tempo hábil, havia a proposta de leitura do romance curto “Kitchen” (Kicchin, 1988), da escritora contemporânea Banana Yoshimoto. Naturalmente, por ser uma obra mais contemporânea do que as estudadas nos anos precedentes, a leitura fluía mais rapidamente e os alunos se sentiam motivados em sua leitura. Apesar disso, não havia ainda uma análise profunda do texto, por conta do tempo dedicado à leitura do texto e ao entendimento da gramática japonesa.

Ao chegarmos aqui, após breve apresentação das obras lidas durante a nossa graduação do curso de Letras - Japonês, podemos inferir que a leitura de obras em língua japonesa assume uma importância maior em detrimento da compreensão textual e discussão analítica sobre a sociedade e a cultura japonesa apresentadas nessas produções. Embora as publicações selecionadas sejam importantes no cânone literário japonês, nos perguntamos se apenas esses escritores poderiam ser tidos como representantes de uma cultura, ou ainda, se apenas a leitura destas surtiria o efeito crítico na formação desses alunos, sem uma introdução crítica histórica, por exemplo.

2. Mudança na ementa de Literatura Japonesa I: primeiros processos

Em 2014, devido a uma licença médica reivindicada pela docente que ministrava as disciplinas de literatura japonesa de I a IV, assumimos a disciplina de Literatura Japonesa I, onde submetemos um currículo em que as obras japonesas, lidas pelos discentes, seriam a versão traduzida para a língua portuguesa e analisadas em sua completude, tendo uma breve introdução

histórica a respeito do período retratado, somada a uma breve biografia do autor e da recepção da obra selecionada. A tarefa proposta, que pensava na formação dos alunos e no seu contato com o texto literário japonês, foi no primeiro momento hercúlea, pois perpassava um levantamento do que possuíamos no *campus*, o que estava sendo traduzido no Brasil e a escolha sobre qual perspectiva abordaríamos as obras.

Abaixo apresentamos um quadro com a nossa escolha de autores e obras, apenas os textos literários selecionados para essa primeira tentativa de abordagem social.

Quadro 1 – OBRAS SELECIONADAS PARA O 1º SEMESTRE DE 2015.

Literatura I (2015) – 1º semestre	“Relato de Fatos Antigos” (<i>Kojiki</i> , 712), compilado por Ôtomo no Yakamochi.
	“Miríades em folhas” (<i>Manyôshu</i> , 759), vários autores.
	“Coletânea de poemas <i>waka</i> de outrora e de hoje” (<i>Kokinwakashû</i> , séc. XI), vários autores.
	“A princesa da lua” (<i>Kaguyahime – Taketori Monogatari</i>), autor desconhecido, séc. XI.
	“O livro do travesseiro” (<i>Makura no sôshi</i>), de Sei Shônagon, séc. XI.
	“Anotações de uma cabana de nove metros” (<i>Hôjoki</i>), de Kamo no Chômei, séc. XII.

FONTE: AFONSO, Joy, 2022, O presente quadro conteudístico apresentado neste trabalho são um recorte das obras escolhidas nos dois primeiros anos de adaptação da docente às disciplinas apresentadas, sendo assim, foram confeccionados para este artigo.

Nosso enfoque para análise dessas obras foi principalmente como o Estado – a corte, a ascensão dos militares e a sociedade - se construía pela perspectiva daqueles que viveram essas mudanças. Durante a análise dos

excertos dessas obras, juntamente com textos críticos e documentários, observamos que embora o conhecimento dos discentes se ampliasse, havia ainda uma lacuna conteudista que exigiria inserir mais obras, mais tempo de pesquisa e principalmente discussões que pudessem promover compreensões sobre a construção social do povo japonês e de sua cultura.

Outra questão que surgiu à medida que o texto literário foi sendo discutido em sala de aula era a maneira como as mulheres – autoras e personagens femininos - eram representados pela história literária e pela cultura japonesa. Havia quase que um padrão estabelecido – mulheres jovens eram vistas como amáveis, dóceis, frágeis e belas, em oposição às mulheres mais maduras que eram representadas como “desequilibradas”, doentias e manipuladoras. Como naquele momento ainda estávamos diante de uma nova proposta para a disciplina, passamos a repensar que para além de discutir as obras em seu contexto histórico, haveria a necessidade de estabelecermos relações com a sociedade atual.

No ano seguinte assumimos a disciplina Literatura Japonesa III onde, seguindo a nossa pesquisa desenvolvida no mestrado, propusemos a análise de obras da pré-modernidade japonesa que englobava Período Meiji (1868-1912) e os anos modernos de Taishô (1912-1926), onde o foco narrativo e as influências das narrativas ocidentais nas obras japonesas seriam o foco da disciplina. Abaixo as obras selecionadas para análise e leitura em sala de aula:

Quadro 2 – PROPOSTA DE EMENTA PARA A DISCIPLINA DE LITERATURA JAPONESA III, NO 1º SEMESTRE DE 2016.

Literatura Japonesa III – 1º semestre de 2016	“Eu sou um gato” - <i>Wagahai wa neko de aru</i> (1904), de Sôseki Natsume.
	“Coração” – <i>Kokoro</i> (1912), de Sôseki Natsume.
	“Caminhos Opostos” – <i>Wakaremichi</i> (1896), de Ichiyô Higuchi.
	“Enseada de Águas Turvas” – <i>Nigorie</i> (1895), de Ichiyô Higuchi.

	“O barco do rio Takase” – Takasebune (1916) de Ôgai Mori.
	“Descabelados” – <i>Midaregami</i> (1901), da poeta Akiko Yosano.
	“Portal de Rashômon” – <i>Rashômon</i> (1915) de Ryûnosuke Akutagawa.
	“Tatuagem” – <i>Shisei</i> (1910) de Jun'ichirô Tanizaki.

FONTE: AFONSO, Joy, 2022, Quadro confeccionado para a apresentação deste artigo.

Da mesma forma que na disciplina de Literatura Japonesa I, nossa maior dificuldade foi selecionar textos teóricos que poderiam auxiliar na perspectiva crítica dos discentes. Isso porque, à época de escolha, principalmente as autoras selecionadas – Ichiyô Higuchi e Akiko Yosano - não havia em língua portuguesa pesquisas analíticas sobre a vasta produção das escritoras. Salvo engano, a dissertação de mestrado de Rika Hagino (2007) foi por alguns anos a única fonte sobre a biografia e produção literária de Ichiyô, que continha também a tradução do romance “Enseada de águas turvas” (*Nigorie*). Aliás, a falta de fontes de leitura das obras de autoras que produziram durante os primeiros anos modernos da sociedade japonesa foi um segundo fator que nos chamou a atenção durante a preparação das aulas, levando-nos a uma reflexão sobre como a produção de mulheres, para além das poucas traduções em língua portuguesa encontradas (à época), também havia uma falta de ensaios e trabalhos acadêmicos sobre o assunto.

Outro fator que nos chamou a atenção durante a implantação desta ementa foi o como deveríamos determinar a quantidade de aulas e o tempo de discussão durante a apresentação desses textos. Primeiro, decidimos que os alunos deveriam de antemão ler os textos, a fim de que na sala de aula pudéssemos nos debruçar sobre as questões sociais, estéticas e estruturais propostas pelo texto, e em seguida havendo a necessidade de uma introdução histórica, as aulas de análise literária acabavam ficando mais reduzidas durante o semestre.

Entendendo as questões supracitadas, propomos, então, para a disciplina Literatura Japonesa IV, no segundo semestre de 2016, que abarcasse o panorama histórico da sociedade japonesa, crítica literária e obras que tivessem como foco uma perspectiva decolonial sobre a literatura e a sociedade japonesa. Dessa forma dividimos as aulas em: 1) aulas introdutórias sobre a história do Japão e principais mudanças políticas, e 2) aulas de análise literária, onde o discente já teria um aporte teórico para basear a sua compreensão do texto e apresentaria, como avaliação final, um seminário analítico sobre uma obra escolhida. Nossa proposta ficou estabelecida da seguinte maneira, conforme Quadro 3.

Quadro 3 – OBRAS SELECIONADAS APRESENTADAS PARA A DISCIPLINA DE LITERATURA JAPONESA IV.

<p>Literatura Japonesa IV – 2º semestre de 2016</p>	<p>Introdução à literatura moderna – conceitos</p> <p>SUZUKI, Sadami. Para uma releitura da história cultural do Japão moderno e contemporâneo – Os conceitos de Literatura (<i>bungaku</i> 文学) e Artes (<i>geijutsu</i> 芸術), <i>Revista de Estudos Japoneses</i>, nº 28, São Paulo: CEJAP – USP, 2008, p.39 – 62.</p> <p>Romantismo no Japão:</p> <p>YAMAMOTO, Eliane Toshie Korugui. Aspectos do Romantismo no Japão – um estudo sobre o autor Shimazaki Tôson e sua obra <i>Wakanashû</i>. <i>Revista de Estudos Japoneses</i>, nº 22, São Paulo: CEJAP – USP, 2002, p.39 – 57.</p> <p>TANIZAKI, Jun'ichirô. As irmãs Makioka. Trad.Leiko Gotoda et al. São Paulo: Estação Liberdade, 2005, 744p.</p>
---	---

	<p>TANIZAKI, Jun'ichirô. Diário de um velho louco. Trad. Leiko Gotoda. São Paulo: Estação Liberdade, 2002, 208p.</p>
	<p>Introdução ao “Romance do Eu”: NAGAE, Neide Hissae. Concepções japonesas do Romance do Eu. <i>Revista de Estudos Japoneses</i>, nº 17, São Paulo: CEJAP – USP, 1997, p.141 – 147.</p>
	<p>SHIGA, Naoya. Trajetória em noite escura. Trad. Neide H. Nagae. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011, 368p.</p>
	<p>KAWABATA, Yasunari. País das Neves. Trad. Neide H. Nagae. São Paulo: Estação Liberdade, 2004, 160p.</p>
	<p>Introdução à Literatura Proletária: SHIMON, Meiko. Presença de Karei em obras de Okamoto Kanoko. In: Anais do VI ENPULLCJ, São Paulo: CEJAP – USP, 1995, p.133 - 136.</p>
	<p>MISHIMA, Yukio. Confissões de uma máscara. Trad. Jaqueline Nabeta. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, 200p.</p>
	<p>Introdução à Literatura Pós- Guerra: OKAMOTO, Monica Setuyo. Breve análise dos reflexos da Segunda Guerra Mundial nas obras literárias japonesas. <i>Revista de Estudos Japoneses</i>, nº 27, São Paulo: CEJAP – USP, 2007, p.139 – 146. YOSHIDA, Luiza Nana. Yasuoka Shôtarô e o grupo <i>dai sanno shinjin</i>. In: Anais do XII</p>

	ENPULLCJ , São Paulo: CEJAP - USP, 2002, p.239 - 251.
	ÔE, Kenzaburo. Jovens de um novo tempo despertai! . Trad. Leiko Gotoda. São Paulo: Companhia das Letras – Coleção Prêmio Nobel, 2011, 328p.
	MURAKAMI, Haruki. Sono . Trad. Lica Hashimoto. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2015, 120p.
	Literatura contemporânea NAGAIKE, Kazumi. Gender Trouble in Contemporary Japanese Literature: Kurahashi Yumiko, Yoshimoto Banana e Murakami Haruki. In: Oita University Institutional Repository: OUR (大分大学留学生センター), 2005, p.79 – 122.
	YOSHIMOTO, Banana. Kitchen . Trad. Juliana Leite. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995, 166p.

FONTE: AFONSO, Joy, 2022, Quadro confeccionado para a apresentação deste artigo.

Ressaltamos, ainda, que para cada autor proposto para análise e obra sugerida havia também textos teóricos para discussão em turma, que aqui não citamos devido a extensão requerida do texto científico.

O exercício do seminário analítico foi extremamente profícuo, mas ainda havia a questão do acesso às obras sugeridas, pois não havia um número excedente de obras na biblioteca do *campus*, e nem todos os discentes liam as obras analisadas pelos colegas, o que nos levou a repensar esse método de avaliação, assim como o material consultado. Outra complicação que surgiu durante esse semestre, foi o pedido de alguns alunos que queriam ter acesso ao texto original, pois embora conseguissem ler a obra em japonês, naturalmente surgiam dúvidas em relação ao estilo do autor.

A partir do ano de 2017, já assumindo definitivamente as disciplinas de Literatura Japonesa III (1º semestre) e Literatura IV (2º semestre), decidimos reformular a ementa apresentada no quadro 3, partindo primeiro do método avaliativo, que antes se baseava em seminários e provas, e a partir daquele momento passou a ser feito por relatórios de leitura e uma monografia de final de semestre, onde o discente escolheria uma das obras apresentadas propondo uma análise pessoal, ou outra obra de um dos autores apresentados. Ainda hoje – 2022 - temos mantido esse método, com algumas poucas mudanças, acrescentando uma aula analítica sobre uma obra que o discente mais se interessou, a fim de que também ele possa ter a chance de ministrar uma aula de literatura.

Outra mudança foi a proposta de programa da disciplina mais aberta às necessidades dos alunos e de que maneira o texto literário poderia auxiliá-los para abordar temas atuais em sua futura sala de aula, buscando a conscientização crítica. Essa forma colaborativa da disciplina pressupõe que tenhamos uma ementa básica, com autores e obras selecionados pela docente, porém o discente pode trazer suas leituras e traduções que têm sido feitas em língua portuguesa, no Brasil. A ideia de um programa colaborativo, assim como métodos avaliativos em que os alunos pudessem apresentar suas ideias e não se sentissem pressionados, também favoreceu um ambiente de maior aprendizado e envolvimento com as obras e autores representados.

Após a defesa do nosso doutorado na área de teoria literária, que aconteceu no ano de 2022, assim como um longo tempo de aulas remotas em que o contato com os alunos foi escasso, a ideia de uma ementa mais colaborativa que tivesse como foco a formação de um docente que pudesse ministrar aulas de língua e literatura japonesa, sob uma perspectiva crítica e decolonial se fez mais necessária. Por isso, para além das discussões já estabelecidas com os alunos, demos preferência a autores que fossem contra o militarismo-imperialista e pró-Okinawa, dando enfoque especial às autoras e produções que valorizassem a equidade de gêneros. A recepção tem sido muito melhor do que esperávamos, tendo alunos que desejam desenvolver

pesquisas de mestrado e doutorado na área e não veem mais a literatura estrangeira como algo deslocado de sua realidade.

Conclusão

Desse longo processo de seleção de obras, autores e teorias entendendo o que se adequaria à demanda de nossos alunos durante o curso, e em suas futuras salas de aula, compreendemos que há a necessidade constante de mudanças e de estarmos abertos a novas perspectivas. Retomando os problemas apresentados no ensaio da professora Sonia Ninomiya em 2001, podemos ser mais esperançosos em relação ao ensino de literatura japonesa na graduação, não apenas pelo aumento expressivo de pesquisadores, pesquisas e grupos acadêmicos que se debruçam sobre a literatura japonesa, nos últimos anos, representando mais especialistas formados na área e contribuindo na disseminação dos estudos japoneses no Brasil, mas também pelo aumento de traduções de obras japonesas e maior facilidade do contato de nossos alunos com obras em língua nativa.

Entretanto, um dos problemas levantados por Ninomiya (2001) e Brasil de Sá (2021) ainda nos é latente: a falta de um material didático que pudesse nos guiar nas primeiras leituras, ou até mesmo sugerir obras acessíveis aos nossos alunos, com um breve resumo e comentários que guiassem uma discussão. Talvez essa proposta seja um caminho para também repensarmos a maneira que temos lecionado literatura estrangeira no Brasil.

Dos aprendizados, para além de novas leituras e descobertas de textos e autores, descobrir uma maneira que os discentes pudessem ter contato com o texto traduzido e em língua nativa ainda tem sido uma experiência que, a depender da turma, tem funcionado ou não. Assim como os métodos avaliativos, a nosso ver, precisam ser compartilhados com os alunos, a fim de que a avaliação não seja apenas um compilado do que possivelmente aprenderam, mas principalmente do que eles gostariam de desenvolver, ou reler.

Outra conclusão perceptível nos últimos anos, em ter escolhido obras traduzidas para a língua portuguesa, foi o aumento de leituras feitas pelos alunos. A escolha de obras com tradução para a língua portuguesa se deve ao fato de que são mais acessíveis e propiciam ao leitor uma compreensão maior do texto, além de viabilizar uma quantidade maior de leituras durante o semestre. Entretanto, essa escolha não significa que os alunos não leem em língua japonesa em sala de aula, mas sim que nosso enfoque maior tem sido a análise de textos literários, e concomitantemente, os textos literários em língua estrangeira lhes são apresentados nas aulas de língua japonesa, e não apenas nas aulas de literatura.

Ensinar uma literatura estrangeira tem-se provado cada vez mais o que Mota (2010) propõe em sua pesquisa, um caminho de interdisciplinaridade e criticidade. Onde o texto não é pretexto para nada - seja gramática ou apenas aprendizado de vocábulos, mas descobertas de sentidos em comum com a nossa realidade, e compreensão das diferenças culturais com um olhar crítico.

REFERÊNCIAS

BRASIL DE SÁ, Michele Eduarda. Challenges on Teaching and Learning Japanese Literature in Brazilian Universities. Conference paper. Official Conference Proceedings, **The Osaka Conference on Education 2020**. 2021. p. 201-209.

MOTA, Fernanda. Literatura e(m) ensino de literatura estrangeira. **Fólio-Revista de Letras**, v. 1, n. 1, p. 101-111, 2010. Disponível em <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/3628/3001>>.

NINOMIYA, Sonia Regina Longhi. A Literatura japonesa – Seu ensino ao nível de graduação, dificuldades, possibilidades e novos horizontes para o ensino e pesquisa de graduação. **Anais do XII ENPULLCJ**, II Encontro de Estudos Japoneses. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2001. p.77-78.

PESSOA, Rosane Rocha. Nós de colonialidade e formação docente. In: MATOS, Doris Cristina Vicente da Silva; SOUSA, Cristiane Maria Campelo Lopes Landulfo de (Org.). **Suleando conceitos e linguagens: decolonialidades e epistemologias outras**. Campinas: Pontes Editores, 2022. p. 273-282.

NOTAS

¹ Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis (UNESP – FCL/Assis, Assis/São Paulo, Brasil), Mestre em Língua, Literatura e Cultura Japonesa e Especialista em Ensino-Aprendizagem de Língua Japonesa como Língua Estrangeira. É Professora Assistente da Área de Japonês no Departamento de Letras Modernas (DLM) na UNESP. E-mail: joynafonso@gmail.com.